

10.4025/6cih.pphuem.676

Historiografia na sala de aula: o distanciamento da disciplina de história para com a realidade do aluno e da historiografia moderna.

Larissa Bruna Ferreira – UNEAL

Amanda Monteiro Melo - UNEAL

Este artigo tem como objetivo analisar e compreender a definição de História no livro didático da disciplina de História e assim constatar a distância que existe entre o livro e a realidade do alunado, como também da historiografia moderna. Especificamente, como se dar o processo de escolha do livro didático, a não adequação do livro ao aluno e por que ele está tão distante da historiografia atual, qual vai ser a forma de abordagem do autor sobre o que é História e como ele é transmitido em sala de aula, levando em consideração a relação ensino aprendizagem dos discentes, segundo Matos (2012) “[...] por mais que os docentes invistam em materiais didáticos alternativos para construção de sua prática na sala de aula, os livros didáticos ainda são um guia para a mesma, assim como para a seleção de conteúdos. [...]”. Assim a disciplina vai conter uma variedade de significados um deles é o de BLOOCH (2001) onde a história é a ciência do homem no tempo. Tendo em vista o distanciamento do livro didático de história da historiografia moderna e ainda da vida o próprio aluno, assim como alude Bento (2008) “Esta questão se faz necessária para compreendermos se as coleções didáticas trabalhadas nas escolas conseguem apresentar um conceito de história, que aproxime o conhecimento da realidade histórica do aluno”. A historiografia contemporânea entra com um papel fundamental para a construção do livro didático, pois vai ser a construção de um discurso crítico ideológica que vai ajudar os alunos a analisarem e discutirem a realidade social política e econômica na qual convivem. Assim segundo Caldeira (s.d.) apud Nadai (1993) A historiografia entra na responsabilidade de cuidar da reflexão e avaliação das ideologias impostas sobre o currículo do ensino de história. A realização desse trabalho foi um resultado do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID onde foram estudadas duas coleções de livros de história de 6º ao 9º ano, de uma escola localizada na zona rural de Arapiraca, como também foi entrevistado dois (01)

professores e seis (06) alunos, na Escola Municipal Manuel Humberto da Costa localizada na Zona rural do município de Arapiraca ficando próximo a Al 110 –, com um questionário semiestruturado, e um método qualitativo, além de pesquisa bibliográfica. Para Bento (2008) as produções didáticas estão voltadas para a comercialização, sendo assim o livro tornou-se um produto econômico que atende a necessidade dos autores e da editora, onde a quantidade supera a qualidade. Nesse sentido prevalecem as reflexões tradicionais que apresentam concepção de verdade histórica pronta e irrefutável, que sacraliza as informações do livro didático, tornando, os conhecimentos históricos distantes, estranhos e pouco atrativos para os alunos; e eles como não reconhecidos na disciplina se afastam cada vez mais de sua história, por está sendo corrompido pelo sistema capitalista que cada vez mais se desfaz das escolas.

Palavras Chaves: Historiografia; Livro Didático; Educação do Campo.

Introdução

Este trabalho tem como ponto principal analisar o processo de ensino aprendizagem do aluno através do livro didático, e vamos buscar entender porquê o livro didático está tão longe da vida do aluno, e principalmente por eles serem de uma escola da zona rural, e ainda o porquê dele se distanciar da historiografia moderna. A fim de compreender a visão dos alunos de uma escola no fundamental II sobre o ensino de história, aplicamos questionários semiestruturados, para professores e alunos, também uma ao qual tivemos respostas das mais diversas, porém que direciona para uma perspectiva comum: revela o distanciamento da disciplina para com a realidade do aluno. Também fizemos uma observação em duas coleções de livro didáticos do 6º ano, e uma metodologia qualitativa.

O livro didático ainda é o material mais utilizado pelo professor, pois é ele que vai acompanhar o aluno nos seus estudos para além da escola, ele ainda é o instrumento principal na sala de aula. Em 1970 vai ser utilizado apenas como fonte de conhecimento para professores e alunos, porém “[...] com a massificação do

10.4025/6cih.pphuem.676

ensino e a constituição das licenciaturas curtas no período da ditadura, o papel do livro passou a ser o de orientador e condutor da ação docente.” (SILVA, 2011).

Em 1980 o livro vai começar a ser criticado por sua vasta influência ideológica,

Estes passaram a ser considerados “vilões” da educação, portadores de ideologias indutoras de processos de reprodução das desigualdades e hierarquias sociais, em textos conservadores, “oficiais”, muitas vezes repletos de erros ou em versões ultrapassadas pelas pesquisas científicas. (MONTEIRO, 2009, p. 181)

Hoje em dia não é muito diferente, pois, vários autores buscam adicionar as suas ideologias, fazendo com que o discente não questione sobre o processo ao qual está ligado, nem reflita sobre o sistema ideológico que o está pressionando.

Para Costa e Motta (1993, p 108) é notório que para alguns professores “[...]o livro didático não serve aos professores como simples fio condutor de seus trabalhos, mas passa a assumir o caráter de ‘critério de verdade’ e ‘última palavra’ sobre o assunto”, e que até a opinião deles são moldadas pelo autor do livro didático.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNDL) é filiado ao Ministério da Educação (MEC), um órgão do governo federal que avalia os livros para um melhor acompanhamento do material pedagógico. O PNDL monta um guia do livro didático que contem resenhas de varias coleções de livros.

Dividimos a pesquisa em três eixos principais. No primeiro momento demonstramos quais os processos vigentes para que o livro didático seja utilizado na sala de aula, em seguida analisamos sobre a concepção apresentada do que é história, vamos focar nos livro do 6° ano, pois é nesse período onde os autores aludem sobre o significado da história, onde fizemos uma comparação da abordagem feita no livro que está sendo usado com o que será utilizado.

No segundo momento vamos analisar o assunto de forma geral do livro didático que não se adéqua a realidade do seu alunado, como estamos em uma escola do campo se torna ainda mais complexo para o aluno assimilar o assunto.

No terceiro momento vamos buscar o porque do livro didático está tão longe da historiografia atual, e que fatores estão influenciando para que o livro não siga um modelo atual.

Assim, o trabalho faz uma análise do livro didático em vários âmbitos para entender melhor o porquê de tanta dificuldade do aluno em aprender e se identificar pela disciplina.

I. Livro didático, processo para sala de aula.

Os livros didáticos para ser utilizados nas escolas tem que ser analisados e aprovados pelo Ministério da Educação (MEC). Acontece que esses livros são generalistas e mostra a realidade de cidades do Sul ou grandes capitais, portanto são inexistentes livros que abordem conteúdos da realidade Alagoana, mais especificamente que trate da educação do campo em um contexto local. O programa nacional do livro didático (PNLD) dispõe de leis que regulamenta a distribuição de livros didáticos para escolas localizadas no campo, porém os alunos contemplados são de 1º ao 5º ano do ensino fundamental, o que agrava ainda mais a situação do aluno, no tocante a compreensão e assimilação do conteúdo passado na sala de aula.

O MEC publica o Guia de Livros Didáticos com resenhas das coleções aprovadas. “O guia é encaminhado às escolas, que escolhem, entre os títulos disponíveis, aquele que melhor atendem ao seu projeto político pedagógico.” (BRASIL, 2013, p. 10). Porém na prática não funciona assim, as editoras levam as coleções que serão usadas nos próximos três anos, para que o professor analise. Após esse processo os professores participam de uma reunião realizada pela secretaria de educação, cujo objetivo é fazer a defesa do livro que se adapte melhor para sua prática pedagógica, podendo optar por duas opções para que uma seja escolhida.

Além da dificuldade do conteúdo ser generalizado, a escolha do livro didático vai ser um só para toda a rede municipal, sem levar em consideração as especificidades, o professor pode passar pelo transtorno de não ter o livro didático a qual escolheu, pois os critérios adotados pela prefeitura não é o fator qualidade, mas os que sejam melhor economicamente. Essa situação foi concretizada com a professora que acompanhamos, suas opções foram desrespeitadas e atropeladas para atender aos interesses econômicos dos quem gerem a educação.

10.4025/6cih.pphuem.676

No livro didático enviado as escolas e trabalhado na sala de aula, o sentido de estudar história é inexistente, pois se estabelece o mínimo do que seja a disciplina História, “o ensino de História, tem como finalidade propiciar aos alunos condições para a formação de indivíduos críticos, participativos e capazes de atuar na transformação da sociedade”. (PASTRO e CONTIEIRO 1996, p.35). O que o livro apresenta são tópicos superficiais de tempo histórico. E ainda os confunde com a ideia de que história seja passado, porém Keith Jenkins fala:

“[...] passado e história são coisas diferentes. Ademais, o passado e a história não estão unidos um ao outro de tal maneira que se possa ter uma, e apenas uma leitura histórica do passado. O passado e a história existem livres um do outro; estão muito distantes entre si no tempo e no espaço. [...]” (JENKINS, 2011 p. 24).

E ainda conclui ela falando que a História é um discurso sobre o passado, porém o passado se encontra em uma modalidade diferente de História.

Ainda no livro atual usado pelos alunos é notório que o autor parte de uma perspectiva positivista quando diz que o historiador “além de perguntar o **“por quê?”**, o historiador também precisa perguntar **“como”?**, **“onde”?**, **“quando”?**, **“quem”?**”.

Com isso o livro didático se mostra em sua maioria uma perspectiva de história nominal, deixando de lado todos os processos, e destacando-se apenas nomes e pessoas importantes e os grandes acontecimentos, esquecendo que viviam pessoas as quais foram extremamente necessários para a História.

Em outro livro a qual fizemos a análise percebe-se que o autor comunga da ideia da primeira geração dos Annales quando traz o conceito de história baseada em March Bloch, quando diz que a História é o estudo dos seres humanos no tempo.” E ainda descreve uma História onde o povo também é importante.

II Ensino de história e a não compreensão.

A fim de compreender a visão dos alunos de uma escola fundamental II sobre o ensino de história aplicamos questionários semiestruturados, contendo 50

10.4025/6cih.pphuem.676

(cinquenta) questões, ao qual tivemos respostas das mais diversas, que direciona para uma perspectiva comum: revela o distanciamento da disciplina para com a realidade do aluno. Para preservar suas identidades, atribuímos numerações ao invés de seus nomes. Vejamos algumas falas desses alunos ao serem indagados sobre a importância do ensino de história:

“É importante por que a história é sempre bom, é muito importante saber de muitas histórias.” (aluno 01)

“É importante porque eu aprendo coisas mais do passado... tempo passado, como eu não pude viver outro passado eu aprendo com a professora de História.” (aluno 02)

“É importante por que... como descobriu o Brasil, as coisas que os antepassados faziam, só”. (aluno 03)

“Sim, por que sabe os fatos.” (aluno 04)

“Sim, por que aprende muito.” (aluno 05)

“Sim, por que fica ciente sobre o passado”. (aluno 06)

Como pode ser percebido, os alunos tem uma perspectiva de história onde as grandes narrativas se sobressaem, onde a visão monocular de cima é mencionada, que em nada se assimilam com suas vidas cotidianas, não conseguindo se verem como sujeito. Vêem, pois uma história fragmentada onde os fatos falam por si, que seguem em uma linearidade gerando com isso uma não reflexão, provocando uma passividade ao saber histórico. PASTRO e CONTIEIRO (1996, p.38) aludem que:

“Esse homem comum acredita na história factual, onde os personagens principais são os heróis. Portanto, a história de alguns homens são transformadas em História da humanidade, causando um grave problema, porque nem todo mundo se sente a altura de imitá-los, pondo-se timidamente à margem de qualquer processo de decisão.”

É essa visão da história das grandes narrativas, dos fatos sem reflexão, tendendo geralmente para uma perspectiva linear que está embutida no livro didático apresentado ao alunado, cujo conteúdo é fragmentado em pequenas partes descontextualizada da realidade dos alunos, quando esse deveria ser tratado como um todo em movimento. “Essa história não se revela plural, nem possibilita várias

10.4025/6cih.pphuem.676

interpretações, mas pelo contrário restringe-se á narrativa dos fatos, sem ter como eixo norteador as experiências do sujeito.” (ALMEIDA, 2011, p.101)

É percebido tanto nas entrevistas quanto nas observações feitas com o auxílio do diário de campo que os alunos não compreendem o sentido de estudar história, tal situação requer que o professor em um primeiro momento demonstre qual a finalidade de estudar história para depois discorrer sobre o conteúdo sistematizado adequando a realidade do aluno. GASPARELLO (2012, p.93) diz que: “Inúmeros foram os professores que, isoladamente em suas salas de aula, que enfrentaram pressões e carência de toda ordem, procuraram e procuram romper com a história que privilegiavam fatos passados, considerando a possibilidade de problematização histórica a parti da realidade vivida.”

O livro didático que deveria ser o suporte pedagógico para o professor acaba tendo diversos fins, mas não o seu objetivo de origem. Primeiro porque muitos se acomodaram a essa ferramenta, segundo as escolas possuem um déficit de materiais de materiais pedagógicos, quase impossibilitando o uso de recursos no processo e ensino aprendizagem é o que mostra a fala do professor 01 (um) ao ser questionado sobre os recursos áudios visual.

“Teoricamente a importância ela é bastante considerada em virtude que auxilia na prática didática, porém como os equipamentos de áudio e vídeo eles são precários então não estão sendo utilizados, mesmo porque do acervo que nós temos conhecimento, grande parte é de fita VHS e que não mais são utilizados na prática didática em virtude de não ter equipamentos que rodassem essas fitas que seria o vídeo cassete que já não atende mais a necessidade [...] como não se tem a gente não vai poder utilizar. Depois eu acredito e eu defendo que nas condições atuais físicas da parte elétrica, não seria conveniente adquirir componentes eletrônicos para ser utilizado, em função da possível danificação, então eu acredito que é isso.” (Professor 01)

O exercício da docência passa a ter vários empecilhos. Assim o professor para que consiga dar sua aula enfrenta estruturas ineficientes, um material que não subsidia sua prática pedagógica, pois o mesmo é equidistante da realidade e o docente tenta adequar e fazer um elo com o contexto vivido pelo alunado, porém partimos da compreensão de que “os conteúdos e as metodologias utilizadas pelos professores

estão diretamente ligados às perspectivas do curso que os formou. Isso indica que a prática pedagógica é influenciada pela maneira como o conhecimento é apreendido” (ALMEIDA, 2011, p.99). Pode-se dizer que o sujeito só vai trabalhar o conteúdo e determinados métodos se o dominá-los.

III- Ideologia e o livro didático

Para Guareschi (1990) A ideologia pode apresentar três sentidos: o primeiro o estudo das ideias, no seu sentido epistemológico; O segundo seria um conjunto de ideias, valores, maneira de sentir e pensar de pessoas e grupos; Terceiro e último, ideias erradas, incompletas, distorcidas, falsas sobre fatos e a realidade.

Ao analisar o livro didático que o docente a qual acompanhamos utiliza nas aulas, é notável que o mesmo esteja intrinsecamente ligado ainda à história do acontecimento, o fato histórico é o próprio acontecimento, sendo o que se conhece e se estuda. Essa maneira de ver o contexto social não permite que o aluno desenvolva um senso crítico, nem faça uma relação presente passado, que para a nosso ver é o inverso do sentido de estudar história, pois essa tem que despertar ao alunado a criticidade e ser entendida dialeticamente.

Saviani alude que “a ideologia se materializa em aparelhos: em aparelhos ideológicos do estado” (SAVIANI, 1989, p.27). A escola pode-se dizer que é aparelho ideológico do estado, o qual a burguesia usa para legitimar a sociedade capitalista.

“Enquanto aparelho ideológico, a escola cumpre duas funções básicas: contribui para a formação da força de trabalho e para a inculcação da ideologia burguesa. Cumpre assinalar, porém, que não se trata de duas funções separadas. Pelo mecanismo das práticas escolares, a formação da força de trabalho se dá no próprio processo de inculcação ideológica. Mais do que isso: todas as práticas escolares, ainda que contenham elementos que implicam um saber objetivo (e não poderia deixar de conter, já que sem isso a escola não contribuiria para a reprodução das relações de produção). A escola é, pois, um aparelho ideológico, isto é, o aspecto ideológico é dominante e comanda o funcionamento do aparelho escolar em seu conjunto. Consequentemente, a função precípua da escola é a inculcação da ideologia burguesa. Isto e feito de duas

10.4025/6cih.pphuem.676

formas concomitantes: em primeiro lugar, a inculcação explícita de ideologia burguesa; em segundo lugar, o recalçamento, a sujeição e o disfarce da ideologia proletária.” (SAVIANI, 1989, P.30)

No sentido apresentado a escola sendo um aparelho ideológico do Estado, que por meio de vários subsídios, dentre eles, o livro didático, serve como apoio para submissão da ideologia dominante. Na prática é essa função representativa do livro didático, pois o livro analisado omite a luta de classe, ocultando a participação e a importância das classes subalternas, enaltecendo e refletindo a classe que detém o poder.

O livro didático é formado por uma consciência ideológica, e fica a pergunta como utilizar o contexto ideológico do livro com o alunado?

Partindo de que “a ideologia dominante tem a função de mistificar os objetivos reais de exploração e discriminação sociais, a fim de manter o ethos capitalista, que favorece a classe dominante” (NOSELLA, 1978, p. 18). Sabendo que o recurso principal e mais utilizado é o livro didático e a “visão de mundo” apresentada é manipulada, é necessário e de fundamental importância que se saiba trabalhar com essas ideias dentro da sala de aula.

É partindo do pressuposto de que “os livros didáticos não são apenas instrumentos pedagógicos são também produtos de grupos sociais que procuram, por intermédio deles, perpetuar suas identidades, seus valores, suas tradições, suas culturas” (CHOPPIN Apud BITTENCOURT, 2004, p. 69), assim também é uma questão de ideologia, como já aludimos anteriormente, assim o livro vai imprimir a ideologia do autor, da editora e de quem compra esse produto ao qual se identifica. O professor então, o que não teve o poder de escolha possui um papel importante como “tradutor” do diálogo fornecido no livro didático usando o seu discurso.

Não queremos generalizar o conceito de livro didático ao qual apresentamos aqui, analisamos outra coleção que a nosso ver corresponde a algumas expectativas, pois a autora utiliza textos que propicia a reflexão dos alunos, as atividades apresentam questões não mecânicas, para a escolha desse livro a professora utiliza os seguintes critérios:

10.4025/6cih.pphuem.676

“A coerência na periodização dos conteúdos deve ser levada em consideração, por mais que, vários livros trabalhem com Histórias temáticas e os conteúdos tenham os seus significados específicos, uma linearidade de conteúdos e abordagens divididas por série se faz necessária, por levar em consideração o grau de entendimento e maturidade dos alunos de acordo com a série que estejam cursando. A forma como o texto foi elaborado tem que ser analisada, visando a fácil interpretação dos alunos, as temáticas abordadas, questionamentos realizados, implicitamente ou explicitamente. No texto, a utilização de imagens, vocabulários é de fundamental importância para que o livro didático seja um instrumento que o professor utilize como aliado das suas aulas. Textos complementares são relevantes para abordagens e utilização de outros tipos de fontes, documentos, oralidade, poemas, cartas etc. Os tipos de mapas e as informações neles obtidas para que o aluno possa usufruir de informações específicas sobre a temática apresentada assim como as sugestões de livros paradidáticos, sites, filmes permitem um aprofundamento maior dos conteúdos vistos pelos alunos. A forma como o livro dialoga com a questão indígena, africana, como os movimentos sociais da atualidade é fundamental para se entender que direcionamento teórico o autor pretende com sua obra, espera-se que o mesmo se utilize do livro para incentivar uma prática de ensino aprendizagem focada na consciência do aluno enquanto indivíduo transformador da sua realidade. No tocante aos exercícios contidos no livro didático é essencial que trabalhem a leitura e compreensão dos conteúdos e enunciados de forma a despertar o senso crítico dos alunos, descaracterizando a prática de questionamentos puramente factuais exaltando "personagens" e datas que só permitem aos discentes informações parciais e vazias de contexto histórico. A problematização das questões sociais, visando à intervenção dos alunos torna o ensino aprendizagem mais dinâmico e consequentemente mais produtivo. Um dos grandes problemas identificados nos livros didáticos em geral é a ausência de abordagens específicas sobre a história do estado, município, comunidade questões essas que trariam os alunos a se situarem melhor nas questões históricas, um apêndice nos livros que tratasse dessas temáticas ou um espaço em branco para que os alunos e professores fossem preenchendo com pesquisas e observações locais seria uma experiência muito produtiva para o desenvolvimento do aprendizado histórico. O manual do professor é relevante para que o mesmo contribua para a formação continuada, trazendo textos mais aprofundados, correntes historiográficas, metodologias que dêem maior suporte para o professor entender e acompanhar as novas abordagens, paradigmas e pressupostos teóricos que estão sempre se renovando e dialogando com os fatos atuais, para que os objetivos almejados para os alunos sejam alcançados”.

(Professor 01)

Porém a especificidade da educação do campo não é atendida, pois como citamos não há políticas públicas que regulamente essa prática, sendo essa questão não apenas dos órgãos que gerem a educação, mas do próprio sistema capitalista.

Considerações finais.

A pretensão de escrever um trabalho sobre o livro didático é mostrar que ele é ainda uma das mais importantes fontes utilizado na sala de aula, e que por não ser um material que vai de realidade a realidade se torna de difícil compreensão para o alunado, e está repleto de ideias com a intenção de perpetuar as identidades culturais de classe social. Um passo importante para que diminua essas ideologias começa com a escolha do livro didático que é permitido ainda aos professores fazerem uma seleção dos já selecionados pelo MEC.

A pesquisa surgiu após a entrada no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID), onde acompanhamos a relação livro didático professor/aluno, onde notamos a dificuldade dos alunos entenderem os assuntos, por isso a professora contextualiza o assunto para que dessa forma diminua o bloqueio dos discentes. Porém isso foi nos provado que não é o suficiente, que é necessário um instrumento didático que atue de forma concreta na aprendizagem deles.

Assim o material pedagógico é de suma importância para o docente e discente, porém deve se levar em consideração a forma ideológica, contexto e linguagem, pois para o aluno se as ideias não forem coerente ao seu dia a dia e a linguagem não for de fácil acesso logo eles não se vêem como sujeitos da história, e muito menos se verem como objeto de estudo dela, pois como dizia Bloch a história é a ciência que estuda os homens no tempo.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Leda Maria de. **Alagoas gênese, identidade e ensino**. Maceió: Edufal, 2011.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Livros didáticos entre textos e imagens. In: Circe Maria Fernandes Bittencourt (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 69-90.

BLOCH, March. *Apologia a História: Ou o Ofício do Historiador*. S.ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 2001.

BRASIL. *Guia dos Livros Didáticos: PNDL 2013: História*. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Sociologia crítica**. 30. ed. Porto Alegre: Mundo Jovem, 1990.

JENKINS, Keith. **A História Repensada**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2011. P. 23-24.

MATOS, Júlia Silveira. Os livros didáticos como produtos para o ensino de História: uma análise do plano nacional do livro didático. *In: MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Org.). A História na escola: autores, livros e leituras*. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 175-199.

MONTEIRO, Ana Maria. Professores e livros didáticos: narrativas e leituras no ensino de História. *In: ROCHA, Helenice Aparecida Bastos; REZNIK, Luís; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Orgs.). A História na escola: autores, livros e leituras*. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 181.

NOSELLA, Maria de Lourdes Chagas Deiro. *As belas mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos*. 8. ed. São Paulo: Moraes, 1978.

NIKITIUK, Sônia (org.) **Repensando o ensino de História**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PASTRO, Sonia Maria Gazola; CONTIERO, Diná Teresa. **Uma análise sobre o ensino de história e o livro didático**. Londrina: História & Ensino, 1996.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 21. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

SILVA, Jeferson Rodrigo. **O Livro Didático De História Como Objeto Central Das Práticas De Ensino: Contextos Históricos De Uma Questão Atual**. *In: Congresso Internacional de História*. Disponível em < <http://www.cih.uem.br>. > Acesso 15 de jul 2013.